

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1996 - ANO LXXI - Nº 22.692

Presidente: ROBERTO MARINHO

Telefone na Barra será instalado em até 24h

• O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, anunciou ontem que, a partir de novembro, os moradores da Barra da Tijuca poderão conseguir uma linha telefônica em apenas 24 horas. Motta explicou que os moradores do bairro não precisarão mais comprar a linha, mas apenas pagar o custo da instalação. A experiência será estendida às zonas urbanas de todo o país. **Página 21**

Protocolo do pólo de gás do Rio sai hoje

• A Petrobras e um consórcio privado formado por Companhia Suzano de Papel e Celulose, Petroquímica da Bahia S.A. e União de Indústrias Petroquímicas assinam hoje, em Brasília, o protocolo de intenções para a implantação do pólo gás-químico do Rio. O projeto atrairá para o Rio investimentos de R\$ 660 milhões, e deverá criar nove mil empregos. **Página 30**

Tribo gigante volta para a terra ancestral

• Duas décadas depois de serem expulsos de suas aldeias para que o Governo construísse a Rodovia Cuiabá-Santarém, os índios krainakore estão deixando o Parque Nacional do Xingu e voltando para a terra de seus ancestrais. Fechando a série de reportagens sobre os chamados "índios gigantes", O GLOBO mostra como será a vida deles. **Páginas 10 e 11**

Incêndio mata o ator Luís Carlos Arutin

• O ator Luís Carlos Arutin, de 62 anos, morreu ontem de asfixia devido a um incêndio em seu apartamento, em Jacarepaguá. Arutin ficou famoso como o "Rachid", da novela "Renascer", da Rede Globo. **Página 20**

• O cantor Roberto Ribeiro, de 55 anos, morreu no Hospital Miguel Couto, onde estava em coma desde o dia 1º. **Segundo Caderno, página 3**

SUPERSENA: Concurso 040

10 11 26 27 40 46

Página 9

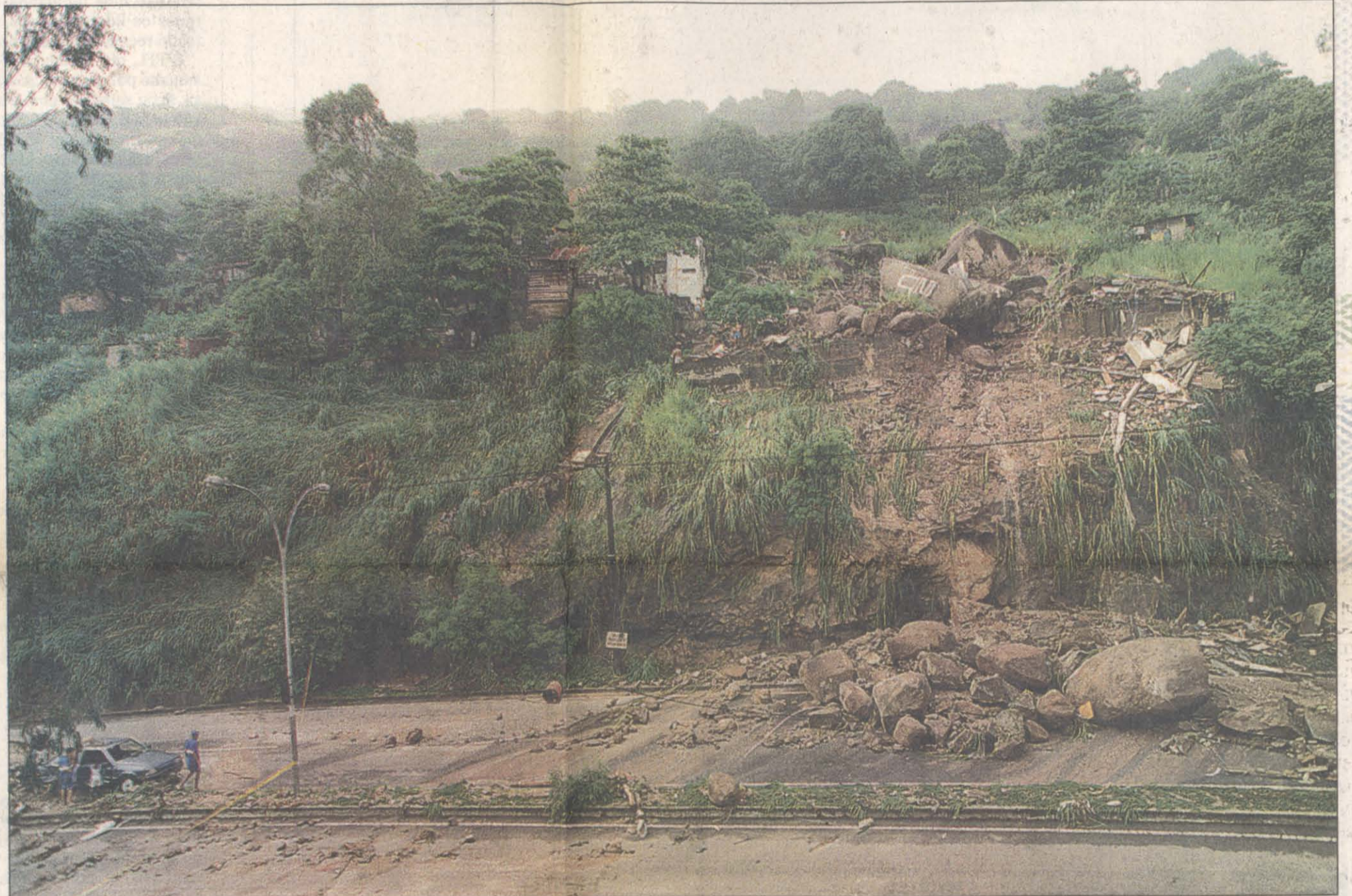
1ª EDIÇÃO

Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R\$ 1,00

Classificados para o Grande Rio e assinantes: Cadernos A e B = 26 páginas 5 cadernos: 74 páginas

Rio está em alerta máximo contra as chuvas de verão

Vinte escolas vão ser preparadas para receber possíveis desabrigados



A PISTA da Auto-Estrada Grajaú-Jacarepaguá bloqueada: cerca de 400 toneladas de rochas e pedras rolaram pela encosta durante o temporal, destruindo três casas no Morro da Cotia

• O prefeito César Maia ordenou ontem um alerta máximo em todos os órgãos da Prefeitura e determinou que 20 escolas da rede municipal se preparem para receber desabrigados caso as chuvas fortes continuem. Ele disse que está re-

zando e tomando comprimidos para dormir, com medo das consequências das chuvas. A Auto-Estrada Grajaú-Jacarepaguá foi interditada por causa do deslizamento de 400 toneladas de rochas, provocando engarrafamento nas vias alter-

nativas de saída de Jacarepaguá. Em Higienópolis, moradores culpam a Prefeitura pelo transbordamento do Rio Faria-Timbó, que encheu casas e lojas de lama. Duas pessoas morreram no temporal de anteontem. **Páginas 12 a 17**

França diz adeus a François Mitterrand

Vítima de câncer na próstata há três anos, ex-presidente morreu em seu apartamento em Paris



MITTERRAND: 50 anos de política

• Primeiro presidente socialista da França e um dos estadistas mais importantes da Europa, François Mitterrand, de 79 anos, morreu ontem às 8h30m em seu apartamento, em Paris. Ele sofria de câncer na próstata desde 1992 e sua luta contra a doença foi acompanhada pelos franceses, que Mitterrand governou durante 14 anos. Sua morte foi anunciada com emoção pelo sucessor e adversário, Jacques Chirac. As brigas políticas foram esquecidas e os franceses foram às ruas com rosas vermelhas — símbolo do Partido Socialista — para homenagear o ex-presidente, que era carinhosamente chamado de Tio pelos admiradores e acusado ironicamente de Deus pelos detratadores. **Páginas 31 a 34**

CHICO

COMO RESPONDER ÀS GRANDES QUESTÕES DA NACIONALIDADE II - 'QUEM SOMOS?'



— Simples: Basta olhar na página dois do passaporte

SEGUNDO CADERNO

A invasão chinesa

• Distribuídos por Quentin Tarantino e assumindo superproduções americanas, os cineastas chineses da nova geração estão conquistando o público por todo o mundo. No Rio, enquanto as locadoras de vídeo recebem os filmes de John Woo, "Amores expressos", de Wong Kar-wai, e "Entre o amor e a glória", de Ronny Yu, têm estréia marcada. • O CD "Mellon Collie", do Smashing Pumpkins, é o primeiro grande lançamento pop do ano. O grupo tocará no Hollywood Rock 96.

RICARDO BOECHAT

Erro de banco causa devassa na conta de César

Páginas 14 e 15

KRAIN-A-KORE: A esperança dos índios gigantes renasce num canto intocado de suas florestas. O Rio Iriri pode ser o futuro



◊ PRIMEIRO GRUPO de krain-a-kore embarca de volta para o Rio Iriri, em outubro do ano passado. As crianças, hoje predominantes nas aldeias do Xingu, carregam nos rostos a ansiedade acumulada pelos seus pais nos últimos 23 anos

Os krain-a-kore encontram terra

O cacique Akê avistou o "lago grande" cercado de uma mata alta e sonhou com o passado

Ascânio Seleme (texto) e Pedro Martinelli (fotos)

◊ Duas décadas depois do primeiro contato com o homem branco, através da expedição dos irmãos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas — que o fotógrafo Pedro Martinelli acompanhou e documentou — os krain-a-kore estão de volta para as terras de vegetação alta e vasta, para a beira de rios de peixes escamados, para a região em que sempre viveram. Sem nunca terem se adaptado às aldeias do Parque Nacional do Xingu, os filhos e netos de Sôkríd — o primeiro índio da tribo fotografado por Martinelli — e do cacique Akê estão muito próximos de reencontrar a felicidade.

Depois de uma guerra nos corredores do Ministério da Justiça, em Brasília, os krain-a-kore conseguiram ver delimitada uma área de 488 mil hectares às margens do rio Iriri, no Mato Grosso. A reserva, ainda não oficializada pelo ministro Nelson Jobim, já está sendo preparada por um grupo de 50 índios que a ocuparam em outubro de 1995.

A descoberta foi em 94, lembra o antropólogo Steve Schwartzman. Ao sobrevoar o Rio Iriri, voltando de uma viagem ao Rio Peixoto de Azevedo, o cacique Akê apontou a região e disse que ela se parecia com as matas que conheceu na juventude. Mais tarde, com o apoio do Instituto Sócio-Ambiental, Akê e outros chefes foram, por terra, conhecer a área, a oeste do Xingu.

— Houve uma identificação plena e imediata. O lugar guarda as mesmas características da terra historicamente ocupadas pelos panará (nome dado pelos antropólogos aos krain-a-kore) — diz Steve Schwartzman.

A viagem de volta dos primeiros 50 krain-a-kore também foi documentada por Pedro Martinelli, 25 anos depois da expedição. Pedro conta que uma mistura de emoção e incredulidade tomava conta do índio a bordo do avião da Funai que fez o voo de transferência do grupo pioneiro.



O AVIÃO COMANCHE desperta a curiosidade de crianças krain-a-kore no início da década de 70. Era o "pássaro" que seus pais e avós viviam tentando flechar

Crianças que nasceram no Xingu e só conheciam as matas de árvores altas de tanto ouvirem as histórias contadas por seus pais, se adaptaram imediatamente ao novo ambiente.

— Eles estão felizes. Sentem-se em casa. Parece que nasceram no Iriri, que de lá nunca saíram — observa Pedro Martinelli.

Orlando foi consultado: achou a idéia excelente

Orlando Villas Boas, que ajudara na transferência dos krain-a-kore para o Xingu, como forma de evitar o extermínio daquele povo, considera excelente a alternativa encontrada pelos próprios índios. O sertanista, que se apon-

sentou logo depois de fazer a atração dos krain-a-kore, afirma que um povo só é íntegro e próspero quando encontra a felicidade. A felicidade natural. Akê e sua gente, acredita Orlando, devem estar próximos disso.

— O presidente da Funai (Márcio Santilli) me perguntou o que eu achava da idéia do Akê. Eu disse que era perfeita. Se aquela mudança, obviamente possível, trouxesse a felicidade de volta aos krain-a-kore, não havia por que evitarmos — diz o sertanista.

Nos 20 anos que passaram no Xingu, os chamados "índios gigantes" jamais esconderam sua profunda infelicidade. Primeiro, foram afastados da caça abundante da sua terra (os demais índios xinguanos não comem caça).

Depois, perderam o contato com os peixes de escama, que correm próximo à superfície da água, e foram obrigados a aprender a pescar com linha e anzol nas águas profundas dos rios que cortam o parque. Finalmente, passaram a conviver com povos que, no passado, eram seus inimigos tradicionais: como os caiapós (do norte) e os txucarramãe.

A história dos krain-a-kore poderá retomar seu leito natural, acreditam Orlando e Cláudio Villas Boas. O cacique Akê tem certeza de seus filhos voltarão a ser alegres assim que toda a tribo migrar para as margens do Rio Iriri.

Muitos de seus antepassados já haviam caçado e pescado ali. A área ancestral dos krain-a-kore alcançava a foz do Iriri.

— É lá (nas margens do Rio Iriri) que queremos plantar nosso povo — disse Akê num depoimento que prestou ao cineasta Aurélio Michiles.

Os 50 índios pioneiros já fizeram roças e construíram aldeias. Estão preparando a terra para seus irmãos que permaneceram no Xingu. Diz o antropólogo Steve Schwartzman que as novas roças já estão alimentando os 50 batedores krain-a-kore que já estão no Iriri. Até março, acredita ele, todo o povo poderá ser transferido. Além das lavouras de mandioca e

milho que estão sendo preparadas, no Iriri sobram peixes e há caça suficiente para abastecer todas as novas aldeias.

No exílio do Xingu, a nação dos gigantes voltou a crescer

Dos 79 krain-a-kore que chegaram estropeados ao Xingu, em 1975, dez morreram logo nos primeiros meses. De lá para cá, contudo, a nação voltou a crescer. Hoje são 160 índios que formam o povo quase extinto pela estrada Cuibá-Santarém (foi a abertura dessa rodovia, em 1973, que provocou a migração). A maioria é muito jovem, observam Pedro Martinelli e Steve Schwartzman. Os índios mais velhos são Sôkríd, Akê e poucos mais que, em 1973, tinham entre 18 e 20 anos.

— As crianças estão em todos os lugares, ocupam todas as choupanas, andam por todos os lados. Acho que foram elas que mantiveram vivas pessoas como Sôkríd — diz Martinelli.

Steve Schwartzman afirma que Sôkríd, embora mais velho e cansado, continua sendo um valioso caçador. Um de seus filhos é o principal líder jovem da comunidade. Os mais jovens, concorda Schwartzman, trazem luz aos espíritos dos mais velhos.

— Os krain-a-kore acreditam que a eternidade existe na vida dos seus filhos — esclarece o antropólogo.

O retorno dos krain-a-kore ao antigo habitat fora decidido pela comunidade indígena do Xingu em uma grande reunião de líderes de diversas nações, em dezembro de 1994. Akê chegou do Rio Peixoto de Azevedo contando a seu povo sobre a devastação que encontrara nas terras ancestrais. Antecipou aos seus filhos e irmãos a novidade que vislumbra do alto de um teco-teco. Havia terras boas, de árvores copadas e rios piscosos, ao lado de uma enorme lagoa, o conhecido "lago grande" dos krain-a-kore.

— A decisão foi tomada depois de ouvidos líderes como Raoni. Era a única saída — conta Schwartzman.

KRAIN-A-KORE: Nada será como antes, mas Orlando Villas Boas acredita que os índios gigantes voltarão a ser um povo feliz

Grupo trabalha duro na "operação volta às origens"

A história retratada por Pedro Martinelli tem um final feliz: o retorno

• O futuro dos krain-a-kore parece brilhante aos olhos de Orlando Villas Boas. O sertanista que, junto com o irmão Cláudio, levou a tribo do Mato Grosso para conviver com a civilização dos brancos, acredita que o Rio Iriri fará tão bem aos índios que eles se multiplicarão em paz, embora nunca mais voliem a ser o que eram.

— O passado não tem retorno — lamenta o sertanista aposentado da Funai.

Os krain-a-kore já estão acostumados com muitas coisas dos brancos e delas não poderão mais abrir mão. Steve Schwartzman, que só chama a tribo de panará, concorda e acrescenta:

— O Fundo de Defesa Meio Ambiental, com sede nos Estados Unidos, lhes dará apoio financeiro para a formação da nova reserva. O Instituto Sócio-Ambiental acredita que são boas as chances de se fazer com os krain-a-kore, na reserva do Iriri uma forma viável de auto-sustento. Os índios chikrin, no Pará, já fazem manejo sustentado da floresta com bons resultados e aprovado pelo Ibama. Acreditamos que o mesmo possa ser feito no Rio Iriri.

Pioneiros trabalham duro para que tudo fique como antes

Mas o antropólogo lembra que os krain-a-kore vão precisar de coisas como serras elétricas, anzóis, linhas, roupas e até mesmo alguns gêneros alimentícios que são caros e não poderiam ser adquiridos pela simples troca de artesanato indígena.

Os 50 krain-a-kore que já se fixaram nas margens do Iriri estão ansiosos pela chegada dos parentes deixados no Xingu. Schwartzman diz que eles estão trabalhando pesado para erguer definitivamente a nova casa do seu povo. Como aconteceu no passado, e da mesma forma foi mantido no período de 20 anos no Parque Nacional do Xingu, os krain-a-kore estão construindo suas aldeias com as duas telhas para as corridas de toras. Eles dão os retoques finais para que a história possa voltar a ser contada do ponto onde parou.

O fotógrafo Pedro Martinelli acompanhou a partida do grupo pioneiro e visitou a nova aldeia às margens do Iriri. Testemunha do momento dramático em que os krain-a-kore foram expulsos do lar para que o governo militar construísse a Cuiabá-Santarém, Martinelli não esconde a alegria de ver que a vontade da nação indígena prevaleceu.

— Da mesma forma que Orlando e Cláudio Villas Boas me impressionaram com sua luta para fazer contato com os krain-a-kore e pacificá-los, me arrebatava a enorme vontade, a inesgotável persistência dessa gente para resgatar sua essência, reencontrar suas origens — diz, emocionado.

A história foi parar no fundo do rio, mas o Erno salvou

Há 23 anos, logo depois de fotografar Sôkrid, Pedrão — como era chamado pelos Villas Boas — tremeu sobre a canoa feita de tronco de árvore e caiu no Rio Peixoto de Azevedo com todo o seu equipamento e com os dois filmes que registravam o histórico encontro. Ele entrou em pânico, começou a xingar. Rápidos, os índios caabi que integravam o grupo de aração resgataram os dois filmes e o equipamento do fundo do rio.

— O que fazer com esse material encharcado? Como vou sair dessa? Que merda! — era só o que Martinelli conseguia dizer.

Ele conta que Orlando Villas Boas ensinou-o a recuperar o equipamento e evitar a ferrugem do material metálico:

— Mergulha no querosene do avião — disse o sertanista.

Erno Schneider, então chefe da fotografia do GLOBO, resolveu.

— Antes de revelar os negativos, Erno jogou os dois filmes ressecados de novo na água. A gelatina amoleceu e ele pôde então operar os filmes. Gente como Orlando, Erno, Akê e Sôkrid nunca sairão de minha cabeça. São fantásticos — diz Pedrão. ■

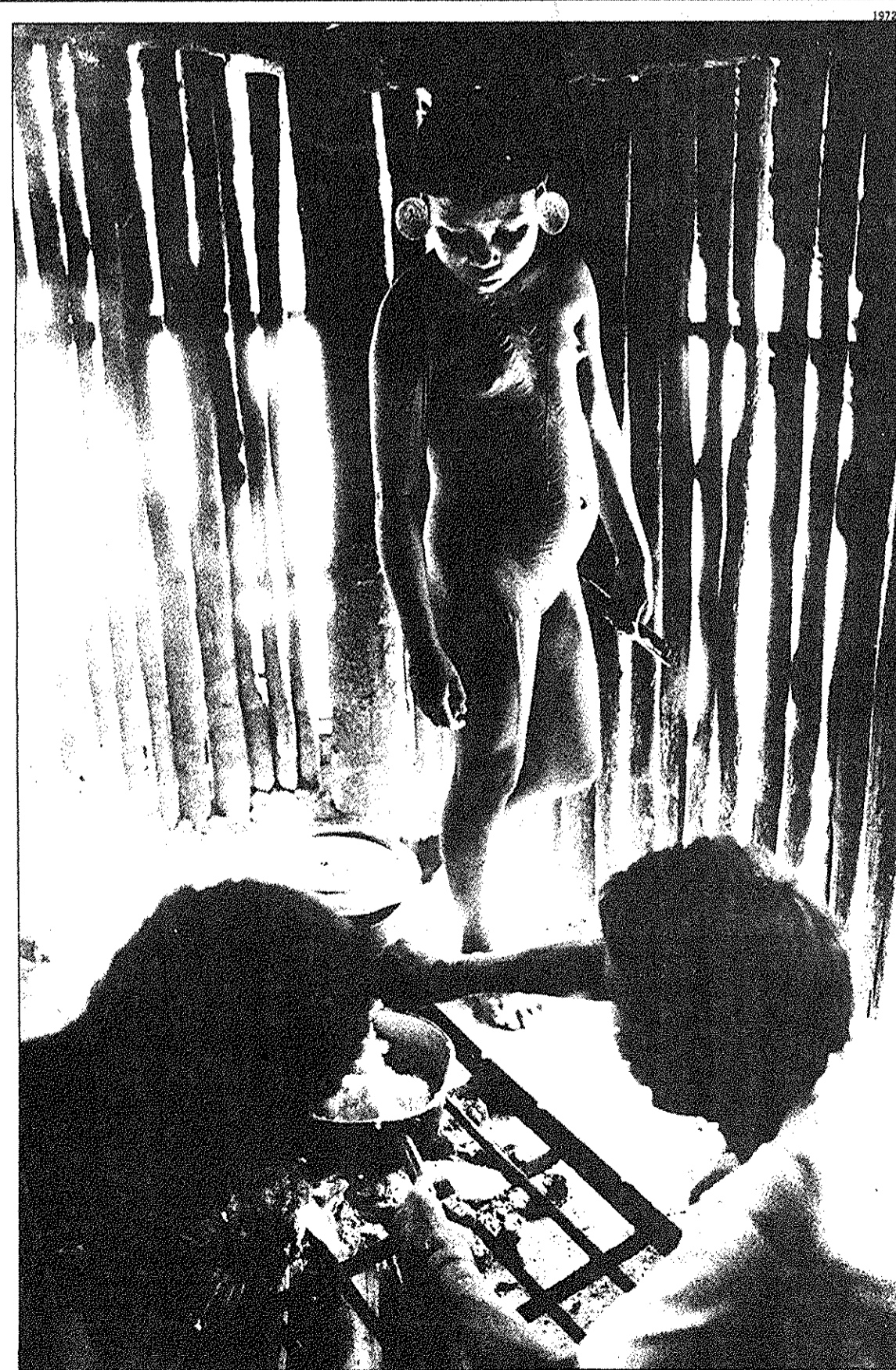


EXIBINDO O TROFÉU: Cena comum no rio onde a tribo dos gigantes gentis enterrou seu coração

• Orgulhoso, um índio grita para o fotógrafo e mostra o peixe recém-tirado das águas límpidas do Rio Peixoto de Azevedo, que hoje virou um depósito de mercúrio.

Nem mesmo o pescado que a tribo krain-a-kore passaria a consumir mais tarde, nas aldeias improvisadas e divididas do Parque Nacional do

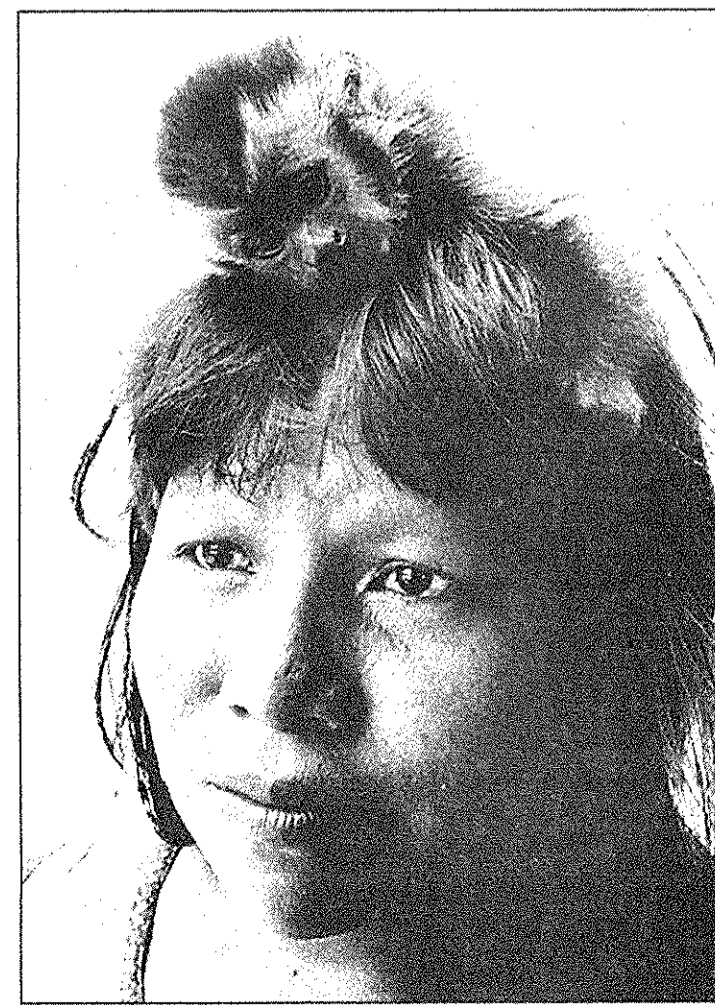
Xingu, na Ilha do Bananal, lembrava a alimentação farta do habitat natural. Até a dieta da tribo foi modificada com a migração forçada.



CURIOSIDADE INFANTIL: Os estranhos objetos dos brancos

• Encantado com as novidades que os sertanistas levaram em 1972, o pequeno e curioso krain-a-kore vivia entrando e saindo

do acampamento onde os irmãos Villas Boas cozinhavam e dormiam. Hoje em dia, a tribo não vive sem aqueles estranhos objetos



MICO NA CABEÇA: O hábito que resiste

• O tempo passou para Teseya, que hoje é uma senhora cheia de filhos, mas o seu costume de carregar sempre na cabeça um mico de estimação não foi abandonado